

ESPORTE, CIDADE E NATUREZA: UM ESTUDO DE CASO

SPORT, CITY AND NATURE: A CASE STUDY

Cleber Augusto Gonçalves Dias¹

Edmundo de Drummond Alves Júnior²

RESUMO: O objetivo desse trabalho é pensar o recente fenômeno dos esportes na natureza em interface com a problemática urbana. Na primeira parte tentamos articular o conceito de cidade e de natureza. Evidentemente, isto implicou numa concepção antagônica destas noções. Na segunda parte, relatamos os resultados alcançados neste estudo. Isto é, a descrição dos espaços mais significativos utilizados pelos esportes na natureza na cidade do Rio de Janeiro. A essa descrição foi seguida uma interpretação das formas de organização e utilização desses espaços, cujo nexo explicativo está ligado aos problemas da cidade de uma maneira mais geral.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes na Natureza. Lazer. Cidade.

Introdução

O esporte, compreendido enquanto uma prática cultural moderna, enquanto um produto da modernidade, parece sempre ter se relacionado de alguma forma com o desenvolvimento da cidade. Assim, o esporte foi se constituindo historicamente como um elemento muito poderoso, capaz de forjar diversas e complexas representações acerca do estilo de vida na cidade. E o mesmo podemos dizer, da associação dos esportes à pós-modernidade. Aliás, são poucas as coisas de nossa época que deixam de se relacionar com a cidade.

O objetivo deste trabalho insere-se exatamente nesta perspectiva: o de pensar o fenômeno esportivo em interface com a problemática urbana. Mais especificamente pretendemos pensar numa recente manifestação do fenômeno esportivo, a saber: esportes que são desenvolvidos num contexto em que a imprevisibilidade do meio ambiente seja o fator predominante. Nestes ambientes com a mínima interferência do homem, ou seja, o mais natural possível, a amplitude do seu espaço permite uma prática que acaba inserindo-se no contexto das atividades de lazer de uma cidade.

Reconhecemos que é uma idéia que à primeira vista pode parecer contraditória, na medida em que a cidade é, em tese, um profundo isolamento da natureza, fruto do controle que foi entabulado na sua constituição. Então, a partir destas evidências, como seria possível articular um conjunto de "práticas sociais" (POCIELLO, 1999)

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro. Grupo de Pesquisa Anima.

2 Universidade Federal Fluminense. Grupo de Pesquisa Anima.

diretamente ligadas à idéia de esportes e natureza aos problemas urbanos? Essa é uma primeira e importante indagação deste estudo. Nossos esforços estarão voltados, antes de tudo, para a tentativa de diluição deste possível embaraço.

Mas antes de adentrarmos a essas vicissitudes teóricas, uma consideração preliminar: as reflexões que apresentaremos são produtos acumulados de um estudo de caso em andamento a respeito dos significados culturais dessas práticas no Estado do Rio de Janeiro³. Em síntese, um estudo qualitativo de natureza etnográfica cujo objetivo mais geral é compreender o desenvolvimento dessas modalidades e alguns dos seus significados. Mais especificamente se refere à divulgação dos resultados alcançados na primeira etapa desse estudo, preliminarmente circunscrito apenas a cidade do Rio de Janeiro, cujo objetivo foi identificar suas principais práticas, levando em consideração uma afluência mais significativa dos ambientes naturais onde estas se desenvolvem.

Nossos estudos sobre essas subculturas na cidade iniciaram-se institucionalmente no ano de 2004. De lá para cá temos acompanhado intimamente estas manifestações esportivas, através: (1) da leitura de jornais que, aliás, têm se mostrado um importantíssimo instrumento de monitoramento da arena pública, (2) de freqüentes incursões aos locais mais utilizados, (3) de observação sistemática dos espaços de prática, (4) da participação em eventos pontuais como reuniões, festas e competições, (5) da realização e análise do conteúdo de entrevistas e conversas com praticantes e dirigentes das instituições e (6) do acompanhamento do que vem sendo produzido academicamente sobre o tema, bem como consultando livros e revistas especializadas que divulgam os principais locais de prática na cidade. Julgamos que ao longo do processo, fomos desenvolvendo uma relação de proximidade com o universo cultural dos esportes na natureza, o que acabou nos colocando numa posição privilegiada de observação.

E é assim, com uma delimitação espacial muito precisa, que vai se apresentar uma primeira e importante particularidade da diáde que tentaremos estabelecer entre esportes na natureza e cidade. Pois as características geográficas da cidade do Rio de Janeiro, quando tomadas em seu conjunto, constituem-na como um espaço tipicamente urbanizado, onde se agregam, simultaneamente, condições privilegiadas para as práticas esportivas na natureza.

Cidade x Natureza: os Esportes na Natureza como Mediação de Representações

O processo de urbanização, enquanto um "tipo ideal", seria, como dissemos, a manifestação exacerbada do impulso de domesticação racional das paisagens naturais. O sentido do urbano contém o sentido da dominação técnica e racional sobre a natureza. Urbanização e racionalização fazem parte de um duplo processo que fornece condições e meios para sociedade urbana. Como diz Lefevre (2004)

³ A Fundação do Amparo à Pesquisa no Rio de Janeiro têm como um dos seus projetos especiais os Institutos Virtuais em que um deles é o do Esporte, que tem como subprojeto "Os esportes na natureza."

"a razão teve na cidade seu lugar de nascimento, sua sede, sua casa" (p. 76).

A separação cidade-natureza corresponde à instauração desse processo de racionalização, que ocasiona uma separação não só desses termos, mas muito mais, a separação da própria totalidade social; à dissociação da inteireza do próprio ser humano: physis – logos, teoria – prática, corpo – espírito, razão – emoção, natureza – cultura. Tudo funciona separadamente: a sensibilidade e a razão (SERRES, 2004).

Nossa sociedade pratica a separação e a dissociação de termos. Da confrontação dessas imagens nascem grandes simbolismos, dentre os quais o da cidade como expressão e palco privilegiado de uma racionalidade planejada. A própria representação da cidade em áreas, setores e zoneamentos, já implica a separação. São setores repartidos segundo um plano racional. Não por acaso, a cidade moderna está fortemente associada ao processo de industrialização, de generalização das trocas comerciais e da constituição do capitalismo concorrencial (LESSA, 2004). Sendo também estes setores, grandes porta-vozes da racionalidade iluminista. Desta forma, a cidade torna-se, em si mesma, uma entidade especializada, associada, justificada e regida pela razão.

Em contraste a estas imagens temos as representações de natureza como algo que escapam das ações e dos empreendimentos racionais. A natureza quase sempre é representada como caótica e muitas vezes hostil como nos demonstra Elias (2001):

nem sempre é fácil convencer as pessoas do final do século XX de que a "natureza" em estado bruto não é particularmente adequada às necessidades humanas. Só depois que as florestas primaveras foram abertas, quando os lobos, onças, cobras venenosas, escorpiões – em suma, todas as outras criaturas que poderiam ameaçar os homens – foram exterminadas, só depois que a "natureza" foi domesticada e fundamentalmente transformada pelos humanos é que ela começou a parecer para populações que viviam geralmente nas cidades como bela e benigna para a humanidade. Na realidade, os processos naturais seguem seu curso distribuindo cegamente coisas boas e más, as alegrias da saúde e as terríveis dores da doença, aos seres humanos (p: 94).

Dáí - após a descoberta da beleza das grandes paisagens naturais ainda no século XVIII (CORBIN, 1989; MAC FALARNE, 2005) – o desejo de torná-las um pouco mais seguras; de empenhar-se, às vezes furiosamente, em transformá-las em algo dócil e estável.

A compreensão do contexto geral da modernidade, a dizer-se, o contexto em que surge a cidade moderna, pode ser muito esclarecedor dessa oposição. E nesse sentido, a modernidade pode ser caracterizada, ao gosto da sociologia weberiana, como o "desencantamento do mundo" ratificando, em última análise, a confrontação dessas noções.

A aceitação de algumas destas prerrogativas será fundamental para a identificação de importantes dinâmicas em andamento tanto no âmbito dos esportes na natureza quanto da própria cidade. Evidentemente, isso não deve ser tomado de maneira literal. "A vida urbana compreende mediações originais entre a cidade, o campo e a natureza" (LEFREVRE, 2004. p. 68). As representações sobre a cidade não podem ser compreendidas sem referência as representações imaginárias de natureza, de campestre ou de selvagem. Neste sentido, os parques, os jardins, os bosques e as florestas, são exemplos de mediações entre cidade – natureza.

Ao mesmo tempo, não existe ligação unívoca entre termos. É daí a necessidade de buscarmos elementos de mediação que vamos apresentar a partir da identificação e a análise dos principais locais usados para vivências de lazer que utilizam a natureza. Uma observação mais detida sobre os espaços em que essas atividades se desdobram pode surpreender, pois, ao contrário do que pode parecer à primeira vista ou pela sugestão do nome 'esporte na natureza', estes locais não representam uma natureza tão selvagem quanto querem acreditar alguns praticantes.

Dentro de determinados modelos de apreciação paisagística – criados e recriados permanentemente - lugares onde o homem não pudesse encontrar abrigo seguro ou que, do mesmo modo, escapassem à ação do homem, simbolizavam a desordem. Tais lugares não poderiam, portanto, se prestar à contemplação estética, que é um dos componentes que acompanham a prática dos esportes na natureza.

A dominação ou domesticação dos espaços selvagens é pré-requisito para sua coroação como lugar esportivo ou como campo destinado aos negócios. Descidas nas corredeiras de rios sempre com 'decks' e 'piers' para qualquer eventualidade. Trilhas nas montanhas muito bem sinalizadas, e se possível com infra-estrutura adequada: como banheiros, restaurantes ou até mesmo, chalés. As empresas especializadas na oferta de aventuras em meio à 'natureza selvagem' sabem disso e investem em pacotes que conciliem aventura e conforto. Suas propagandas já anunciam: "dias de sofrimento e privação? Que nada" (O GLOBO, 03/02/05). Seus serviços são permeados por alguns 'mimos' até bem sofisticados, e aparentemente 'indispensáveis' para uma expedição inóspita como, por exemplo, colchões infláveis com 20 cm de espessura, banheiros químicos portáteis e cardápio com crepe flambado em meio a um acampamento no Jalapão⁴. Ou ainda, viagens pelos rios da Amazônia, sem mosquitos.

O contato com a natureza e a busca por adrenalina abrem caminho para uma temporada na Amazônia. E férias na maior floresta do planeta são sinônimo de passeios de barco, pescaria, visita a macacos e "caçada" a jacarés. Programa de índio? Só se for ao pé da letra, para visitar uma tribo e dançar com eles. Desvendar a selva não significa se embrenhar pela mata e passar apertados. As aventuras vistas apenas em livros de história ou em filmes sobre

⁴ Uma região do Estado de Tocantins, com fartas belezas naturais, e que vêm crescentemente sendo explorada como importante destino, nacional e internacional, para o ecoturismo e turismo de aventura.

a região podem ser vividas em confortáveis — e divertidos — roteiros de lazer montados por agências e hotéis (BRUNO, 2006).

Ofertas muito semelhantes vão sendo feitas no Rio de Janeiro. Como exemplo mais particular temos a prática de surfe no município do Rio de Janeiro, que conta com um ônibus totalmente adaptado para as necessidades de locomoção dos surfistas: o “Surf bus”. Com uma capacidade para trinta passageiros, nele encontra-se lugar para transportar mais de quarenta pranchas além de uma televisão que transmite vídeos de surfe ininterruptamente (CALIL, 2006). Ainda no universo do surfe, temos serviços que chegam ao exagero de prover um ‘hotel de pranchas’: o “Surf Center”, situado no Recreio dos Bandeirantes (SANTOS, 2006).

Ambos os serviços – só para nos determos nestes dois últimos exemplos – têm em comum a nova demanda por comodidade e praticidade nesses esportes que outrora foram símbolos de contestação e rebeldia. O sucesso alcançado pode ser expresso em números. O ‘Surf Center’ ‘hospeda’ mais de 400 pranchas enquanto que o ‘Surf Bus’ transporta cerca de 240 passageiros por dia dos quais 25% são turistas. Definitivamente, “foi-se o tempo em que praticar turismo na natureza era sinônimo de desconforto e risco” (O GLOBO, 03/02/05)⁵.

Desta maneira, temos mais um importante elemento para a análise dos esportes na natureza no contexto da cidade do Rio (e que pretendemos por à prova nas circunstâncias de todo o Estado), já que a maioria dos locais utilizados por estas modalidades é servida pela ampla estrutura urbana, de lazer e de serviços de que goza a cidade. Ou seja, a grande maioria dos lugares destinada a práticas esportivas na natureza, acaba sendo parte dos equipamentos de lazer urbano da cidade. É nesta condição que estes locais são alvos de criativas investidas da indústria do lazer e do entretenimento que reconhecem neles, um importante nicho de mercado e o que é mais notável, de acesso relativamente fácil. A proximidade da natureza à estrutura urbana da cidade é, certamente, uma notável oportunidade de incrementar os serviços oferecidos, na medida em que seu acesso é facilitado e conseqüentemente, sua visitação ampliada.

De fato, a proximidade da estrutura urbana representa uma extraordinária possibilidade de desenvolvimento dos esportes na natureza, quer seja do ponto de vista turístico (como por exemplo, o caso dos vôos duplos, mergulho nas proximidades das ilhas da cidade ou dos pacotes à Floresta da Tijuca, todos já oferecidos por operadores de turismo), quer seja do ponto de vista propriamente do lazer cotidiano da população. A tendência de desenvolvimento destes esportes aponta na direção de privilegiar locais próximos aos grandes centros urbanos com ampla rede de oferta de serviços e que possuam uma geografia acidentada (MASCARENHAS, 2003), ambos elementos muito presentes na cidade do Rio de Janeiro. A astúcia empresarial expressa na fala do proprietário de uma

⁵ A respeito da relação entre esporte e turismo. Mascarenhas (2003).

agência de turismo especializada neste setor, parece confirmar essa tendência quando afirma: "o pessoal tem buscado fazer essas coisas sem ter que ir pra muito longe, porque viajar é caro" (LAJE, 2005).

Pierre Parlebas (1990, p. 131) refletindo sobre os espaços lúdicos utilizados para as atividades esportivas, tece algumas considerações muito pertinentes ao nosso estudo. Temos, por um lado, o espaço estável e normatizado diferente de um outro em que sua prática ocorre em um meio natural, não domesticado, onde prevalece a incerteza do espaço. Sobre estes últimos, o autor observa ainda uma tendência da instituição esportiva impor-lhes maior domesticação na medida que as práticas a que servem de palco são transformadas em esportes de competição e evoluem no sentido de uma submissão do espaço de prática que demandam imposições cada vez mais restritivas. Se a segurança e os balizamentos possibilitarão melhores maneiras de medir as performances, também acrescentará uma certa dose de conforto para os que buscam o turismo e o lazer ou monotonia e frustração para aqueles que buscam o risco e a aventura.

Portanto, o nível de controle e domesticação do espaço é sempre relativo e variável, difícil de ser estabelecido. O homem moderno ao mesmo tempo em que se motiva a embrenhar-se na natureza, incorporando um nível de incerteza e improvisação, deseja também manter o conforto e a seguridade de um ambiente pouco ameaçador ao controle geral⁶.

Em síntese, estamos diante de um quadro ambivalente que comporta a co-existência de duas qualidades aparentemente contraditórias: de um lado o conforto associado à estabilidade e segurança, de outro o imprevisto ligado à incerteza e ao perigo. A ambivalência desta situação expressa e reforça a idéia de que termos antagônicos, como cidade e natureza, não são associados de maneira unívoca. E os esportes na natureza estão a meio passo, tanto de um, quanto de outro, servindo-lhe de elo de ligação. Ainda mais quando consideramos os espaços esportivos do Rio de Janeiro, uma cidade cuja composição natural se inscreve na materialidade urbana; onde a natureza constitui um 'fragmento de cidade'. E como tais, são passíveis de análises simbólicas. Não estamos falando de geologia ou de oceanografia. Nos interessa mesmo o 'ajuste' entre formas e funções além, evidentemente, dos usos que lhes são atribuídos.

Questões de Método

Numa perspectiva de articulação e mediação entre termos antagônicos, dois locais se destacam no cenário de lazer na natureza no Rio de Janeiro. Trata-se do litoral e dos maciços e morros que fazem parte da geografia da cidade. Mais precisamente nos focamos nas praias oceânicas da Zona Sul⁷ e por outro lado,

⁶ Com relação a constituição do esporte como um espaço de exercício controlado da liberdade ou, em termos próprios, de "descontrole controlado", é interessante consultar Elias; Dunning (1992).

⁷ A Barra da Tijuca, como veremos, um importante local para essas atividades, está geograficamente localizada na zona oeste da cidade. No entanto, para os fins deste trabalho, tomaremos a zona sul como um conceito mais ampliado, tal como propõe Mário Fuks (2001). O autor destaca a equivalência do perfil social e econômico entre os moradores dessa região e os residentes na zona sul. Além disso, há um certo consenso urbanístico em se tomar toda a região da Barra da Tijuca como uma expansão da própria zona sul.

na Floresta da Tijuca e o conjunto de morros e rochas situadas no tradicional bairro da Urca⁸. Esses espaços estão associados, respectivamente, a duas das modalidades mais representativas desse universo esportivo: o surfe e o montanhismo.

Gostaríamos então de descrever um pouco mais detalhadamente estes espaços, a fim de subsidiar uma posterior análise interpretativa dos sentidos e significados nos seus usos e apropriações. Antes porém, é preciso tecer algumas notas acerca da metodologia. Ainda que inicialmente nos concentremos na descrição das dimensões físicas, não se trata apenas de fazer um mapeamento dos elementos visíveis, mas também das qualidades simbólicas da paisagem. Trata-se de tentar interpretar os significados sociais de uma determinada concentração. Ou ainda, os significados culturais atribuídos aos espaços pelos grupos que o frequentam.

Do ponto de vista metodológico, é importante sublinhar os diálogos entabulados com as abordagens da geografia que estuda primordialmente as relações entre o homem e o ambiente. E mais ainda, através de um subcampo disciplinar mais específico: o da geografia cultural, que se concentra no estudo da influência da cultura sobre a maneira de se ocupar um espaço. Neste tipo de abordagem, o conjunto das formas culturais em uma área específica não só é investigado como é privilegiado. Estuda-se tanto a gênese de uma área cultural quanto à reconstrução das condições de apropriação e utilização do espaço. É o "descobrimento do conteúdo e significado dos agregados geográficos" (SAUER, 2003, p. 25).

Ainda sob o ponto de vista propriamente metodológico destaca-se o mapeamento da distribuição, do arranjo e da organização dos lugares utilizados. Pois assim, revelam-se padrões ordenados e coincidências regulares. Revela-se o 'padrão organizacional'.

Lembremos que o que vai caracterizar a geografia cultural não é tanto um tipo específico de objeto, mas a forma específica de abordá-lo. Um estudo da distribuição espacial dos esportes na natureza, por exemplo, não constituiria, por si só, um estudo de geografia cultural. É a sua abordagem que lhe dará essa definição (CORRÊA, 2003, p. 172). É o interesse na compreensão dos significados de um processo de ocupação e apropriação que identifica um estudo de geografia cultural. Concentra-se, portanto, na forma como um espaço será utilizado, e como essa utilização reflete e testemunha a presença de certos elementos simbólicos; de certos padrões culturais.

Parte-se do entendimento teórico que a disposição, a distribuição e a forma de utilização de um determinado espaço reflete a presença de um determinado modus vivendi. Considera-se a compreensão de que o homem confere expressão para os lugares que ocupa. Em última análise, a maneira como são utilizados os espaços, marcam um caminho para se compreender todo um modo de vida. Não só refletem, mas reforçam códigos de uma dada configuração social. Na prática, a especificidade

⁸ É preciso destacar que a cidade conta ainda com outros importantes espaços como o Parque Estadual da Pedra Branca e um complexo sistema lagunar também utilizados pelos esportistas na natureza. Contudo, por ora, não consideraremos esses espaços.

de uma subcultura se expressa e se manifesta na paisagem. Em síntese, é a identificação, descrição e classificação dos aspectos ambientais e características espaciais típicas de uma determinada cultura. No nosso caso, de uma subcultura esportiva que se desenvolve no ambiente urbano.

Neste sentido, uma proposição de Mascarenhas (2003) torna-se particularmente importante: "somente compreendendo a organização e a dinâmica territorial dos esportes de aventura é que podemos iniciar com agentes e lugares um debate no sentido de avaliar os possíveis impactos de cada atividade" (p. 95).

Um estudo qualitativo de base etnográfica deve considerar muito seriamente "os modelos espaciais", retomando aqui os ensinamentos de Fernad Braudel (1978), que dizia que toda redução da realidade social é necessariamente uma redução à realidade espacial que ela ocupa. Os modelos de análise seriam então modelos espaciais, e segundo Braudel, "a última família de todos os modelos". Modelos espaciais, como dizia o autor, "são mapas onde a realidade social se projeta e parcialmente se explica" (p. 61).

Em que pese o tom geograficamente determinista dessas assertivas, pretendemos operar análises culturais rumo a uma concepção mais geográfica da realidade urbana. Trata-se de levar em consideração, com muita seriedade, os problemas que o espaço nos coloca. Trata-se de dar profunda importância ao espaço para o estudo das sociedades, pois, as características geográficas não devem ser subestimadas quanto a sua influência para a compreensão de significados culturais. Ao contrário, estudos desenvolvidos no âmbito das ciências do homem – para não usar o desgastado termo ciências sociais - devem considerar o permanente processo de interação entre humanidade e ambiente como produtores de artefatos culturais. Podemos, se quisermos continuar avançando, dizer que as características geográficas de uma região ocupada por determinada sociedade não só tem simbolismos culturais, mas também fazem parte dos símbolos e significados produzidos por determinada cultura; que se constituem espacialmente. Logo, não são apenas sistemas de significados e valores. Tornam-se concretas, exatamente por meio de padrões de organização espacial (CORRÊA, 2003. p. 172).

As dimensões da identidade de um grupo e os modos de vida de uma cultura estão contidas na paisagem, que é um conjunto compartilhado de idéias, memórias e sentimentos. São, amiúde, elementos importantes do processo de reprodução cultural. São, na verdade, repositório de símbolos. A cidade e a sociedade tornaram-se duas realidades co-extensivas (LEPETIT, 2001). Isto é, as formações sociais estão inscritas no espaço. Cada espaço exige uma forma de comportamento, uma maneira de se vestir de falar e de se movimentar. Assim, o próprio espaço é evocado para articular e reforçar tal ou qual comportamento. Ele estrutura e é estruturado pelos comportamentos. Temos assim um entendimento que co-relaciona cultura e paisagem, onde a configuração de uma paisagem reflete e influencia todas as referências culturais.

Nossas freqüentes e sistemáticas visitas aos espaços utilizados para prática de esportes na natureza e sua subsequente identificação e mapeamento (ALVES JUNIOR; DIAS, 2005), nos permitiram uma clara percepção de que esses espaços são dotados de um rico conteúdo simbólico, com todo um conjunto de valores e regras particulares.

Ainda que o geógrafo cultural não esteja preocupado em descrever e explicar o funcionamento interno e os padrões de comportamento de uma dada cultura, é inegável que os procedimentos investigativos adotados na própria geografia cultural guardam uma série de interfaces com os métodos da antropologia, sobretudo a etnografia. "Há um parentesco entre a antropologia e a geografia cultural porque os dois estudos se relacionam a aspectos diferentes e complementares dos mesmos problemas concretos" (WAGNER; MIKESSELL, 2003. p. 49).

Isso nos conduz rumo a um recorrente problema em torno das práticas científicas: a disponibilidade à renegociação de algumas fronteiras. Qualquer análise que pretenda verdadeiramente tratar a problemática urbana, precisa levar em conta a 'multidimensionalidade' dessa questão. E é nesse intuito; sob essa perspectiva, que passamos a descrever e analisar a materialidade espacial dos esportes na natureza.

Mapas e Modelos Espaciais dos Esportes na Natureza do Rio de Janeiro

Sobre o primeiro, o surfe, podemos dizer que se é um esporte que utiliza o local público de lazer com maior popularidade, freqüência e prestígio da cidade. Talvez, também por isso, o surfe seja, entre todos os esportes na natureza praticados no Rio de Janeiro, o de mais facilidades para a prática, um dos mais democráticos no que toca a acessibilidade.

A cidade se inclinou para um maior adensamento (e conseqüentemente de especulação imobiliária) na região costeira. Para compreender isto basta observar o litoral, que totaliza 78,4 km de extensão, sendo as praias de mar aberto, as chamadas praias oceânicas, que apresentam os melhores índices de balneabilidade⁹, e são por isso as mais procuradas. As praias oceânicas totalizam aproximadamente 33,4 km de extensão e a preferência dos cariocas por elas pode ser apontado exatamente por possuir um índice de poluição relativamente baixo. Além dos 'razoáveis' índices de balneabilidade, o tipo de formação geológica destas praias, assim como a formação de bancos de areia, ou sua proximidade com morros e canais que vão facilitar ou dificultar a de entrada de ventos e ondulações, são elementos importantíssimos na constituição desses territórios. As praias oceânicas da cidade são formadas, em sua grande maioria, por praias de fundo de areia, denominadas pelos surfistas como 'beach breaks'. Em trechos muito restritos podemos observar

⁹ Contudo, não se podem menosprezar os recentes e contumazes episódios de aparição de 'gigogas' e 'línguas negras' nas praias. Produtos diretos do despejo de esgoto sem tratamento nas águas, que além de prejudicarem a qualidade das areias, afetam profundamente os índices de balneabilidade, notadamente na altura do píer na Barra da Tijuca, Ipanema e Leblon.

um tipo de fundo mais diferenciado, que é o caso de praias ou trechos de praias que possuem fundo de pedras, os chamados 'point breaks'. Com poucas exceções, a maioria delas apresenta ondulações regulares, tanto na direção quanto na altura, que varia entre 0,5 e 3 metros (nos dias com ventos fortes ou ressacas).

Partindo da Zona Sul da cidade, do morro do Leme em direção à Zona Oeste, encontramos mais precisamente onze praias bastante freqüentadas por surfistas, sendo estas não as únicas, mas certamente as mais significativas do ponto de vista desse lazer esportivo na cidade. São elas: Copacabana, Praia do Diabo, Arpoador, Ipanema, Leblon, Praia do Vidigal, São Conrado, Pepino, Barra da Tijuca, Praia da Macumba, Prainha e Grumari¹⁰.

No que diz respeito ao ambiente de montanhas, a cidade conta com uma complexa e acidentada cadeia de morros e montanhas. Evidentemente isso é um condicionante que ajuda a consolidar uma significativa opção de lazer esportivo para os cariocas. As formas diversas de ocupar algumas montanhas da cidade já se constituem uma tradição para passatempos e divertimentos como, por exemplo, caminhadas ecológicas (trekking) e escalda em rocha.

Dentre as muitas montanhas da cidade, destaca-se o maciço da Tijuca, onde se encontra o Parque Nacional da Tijuca (PNT). O parque é dividido em 4 setores: A, B, C e D. Especificamente para as atividades ligadas ao montanhismo, é o setor A o de maior importância. Esse setor é mais conhecido como 'Floresta da Tijuca'. É nele que funciona o parque para os visitantes, com muitas trilhas, churrasqueiras, banheiros, administração e restaurantes. Os setores C e D, compõe o maciço e do mesmo modo, são áreas de preservação ambiental, mas não se destinam as utilizações para o lazer. No setor B, onde se encontra a Pedra Bonita, temos o único local da cidade a abrigar uma rampa destinada a decolagem para o 'vôo livre' (DIAS; ALVES JÚNIOR, 2005a).

O PNT foi a primeira área da cidade transformada em parque – ainda em meados de 1961 – além de gozar do reconhecido status de maior floresta urbana do mundo e primeira área de reflorestamento sistemático ocorrido ainda no tempo do império.¹¹ Por tudo isso, lá se concentram os atrativos mais reconhecidos e um grande número de equipamentos destinados ao lazer, acompanhados de uma infra-estrutura mais adequada, capaz de possibilitar um atendimento diversificado no que toca os interesses das gerações que o freqüentam. Logo, não é de surpreender que o lugar seja muito explorado turisticamente¹². Nas nossas muitas idas até o local, vêm sendo muito comum encontrarmos vários grupos de usuários incluindo muitos originários de outros países, além de percebermos um acentuado aumento de grupos de turistas

10 Existem outras, situadas entre Grumari e a baía de Sepetiba, bem menos freqüentadas e com acesso mais dificultado e que recebem da população o designio de "selvagens". E por conta da sua limitada freqüência, não foram alvos de nossa investigação. São elas: praia do Inferno, Funda, do Meio, Perigoso, de Búzios e do Canto.

11 Sobre a história da floresta da Tijuca ver PÁDUA, (1991).

12 Os clubes de montanhismo, chamados tradicionalmente de excursionismo, exploram esses locais e essas atividades há bastante tempo. A associação mais antiga da cidade tem hoje mais de 80 anos.

estrangeiros sendo levados por guias de diversas empresas que já se especializaram neste tipo de serviço. Para se ter idéia do papel do Parque para o turismo da cidade, basta observarmos algo que ocorre com a 'Hellisight', que é uma empresa especializada em passeios panorâmicos de helicóptero. Ela concentra, sozinha, 30% de todos os serviços realizados no país. O sobrevôo à Floresta da Tijuca compõe 'todos' os roteiros turísticos oferecidos pela empresa. A explicação para isto, segundo a proprietária da empresa, é que "os turistas internacionais querem ter a noção do verdadeiro tamanho da floresta" (O GLOBO, 08/08/05).

Mas reportando-se aos locais mais propícios a escalada em rocha, o que mais se destaca é, certamente, o bairro da Urca, na Zona Sul da cidade. Lá encontramos boa parte das mais de mil vias de escalada em rocha espalhadas na cidade. Mais precisamente, de acordo com Daflon; Queiroz (2002, p.7), encontram-se mais de 270 vias e variantes de escalada. Trata-se de um espaço de montanhas com elevada representatividade simbólica para os montanhistas em geral. Conseqüentemente é lá que se encontra a maior concentração deste tipo de esportistas. Temos considerado que a maciça presença de montanhistas confere enorme importância para este espaço em qualquer análise sobre os esportes na natureza que se desenvolva no Rio de Janeiro¹³. O lugar compreende o conjunto do Morro da Urca – Morro do Pão de Açúcar por um lado, e por outro, a Pedra da Babilônia.

Salta aos olhos o fato de que tanto nos esportes de montanha, quanto nas modalidades de surfe, a importância e a representatividade dos locais utilizados, estejam sempre ligados à disponibilidade de equipamentos, serviços e acessibilidade. O que em outras palavras é o mesmo que dizer que estão ligados a sua própria localização. Ou seja, em áreas centrais da cidade, sempre próximas ao eixo centro – zona sul, sabidamente, a região que concentra o maior número de equipamentos urbanos de lazer (MELO; PERES, 2005).

Uma Breve Análise Interpretativa: À Guisa de Conclusão.

Agora, com o objetivo de interpretar mais detidamente as utilizações atribuídas a esses espaços, é interessante nos determos no exemplo da utilização da praia. Nossa opção em nos limitarmos a praia para a busca de nexos explicativos não é tanto por nossas preferências pessoais, senão pelos limites que se impõe.

Dito isto, já podemos enfatizar, uma vez mais, que a praia constitui no Rio de Janeiro um lugar muito prestigiado quando se trata do lazer da população. Já é lugar comum imagens das praias cariocas, totalmente lotadas nos domingos ensolarados de verão. A popularidade da praia ratifica a idéia que se trata de um "bem público de uso comum do povo, sendo assegurado, sempre, livre e franco

¹³ Não por acaso neste local vem sendo realizado anualmente um importante encontro entre os aficionados desta atividade no que vem sendo chamado como abertura da temporada de montanhismo do Estado do Rio de Janeiro. Neste momento todas as associações se fazem presente se juntando a dezenas de tendas que procuram divulgar suas marcas ou a idéia do montanhismo.

acesso a elas e ao mar, em qualquer direção e sentido" (DORNELAS, 2004. p. 145), tal como previsto na legislação.

Contudo, a tensão entre o caráter público e o uso privado que muitas vezes lhe é imposta constituem um importante foco de tensões. Para sumariarmos alguns exemplos basta observarmos alguns episódios que acontecem, e vem historicamente acontecendo, com algumas práticas de lazer neste disputado ambiente público natural.

Em 1950 o vôlei de praia, surgido 15 anos antes, fora proibido na praia de Ipanema, sendo liberado novamente alguns meses depois. No mesmo período o 'frescobol' foi proibido em Copacabana, local onde havia sido criado (GASPAR, 2004). No início da década de 80, o surfe também foi alvo de restrições, sendo sua prática limitada entre as 6 e 8 horas da manhã e depois das 4 horas da tarde (SOUZA, 2004). Em meados de 2005, a vereadora Teresa Bergher encaminhou à Câmara de Vereadores um projeto de lei que propõe a redução do espaço das praias para prática esportiva (FILGUEIRAS, 2005). Alguns anos antes, em 2000, a praia da Barra da Tijuca foi palco de uma intensa disputa, que chegou a envolver o Ministério Público. As disputas tiveram início com a criação da Associação Brasileira de Kite Surfe (ABKS) que regulamentava esta prática na cidade. No ano seguinte, o prefeito autorizou a prática do esporte numa faixa de areia de aproximadamente 100 metros de extensão na praia da Barra da Tijuca. A ABKS decidiu então instalar placas de sinalização que alertavam sobre a existência de uma área de pouso e de decolagem de kite surfe. Essa área foi dominada pelas 'escolinhas de kite surfe' credenciadas pela ABKS. Pretendia-se que o acesso a essa faixa de areia fosse restrito aos alunos, devidamente matriculados e, evidentemente, com as mensalidades em dia. Os banhistas, por sua vez, alegaram que, além do perigo oferecido pelas atividades, as placas obstruíam o tráfego na areia e ainda indicavam que era "proibido nadar e fincar barraca naquele local", fazendo, portanto, uso privativo de área pública.

Mais recentemente, um acidente envolvendo banhistas e esportistas após uma tempestade de ventos agravaram ainda mais as polêmicas e cogitou-se, inclusive, a proibição definitiva do esporte, como aconteceu na Suíça em 2002 (BRANDÃO, 2002). Os novos usos do espaço público quase sempre demandam a criação de novas leis e o estabelecimento de outras regras de convivência entre os frequentadores do local¹⁴. As praias da Oceania e da África do Sul, por exemplo, são divididas em áreas exclusivamente destinadas a banhistas ou aos esportistas.

14 A ocupação de determinados trechos da praia se dá por grupos muito bem determinados e, em geral, facilmente identificáveis. A constituição desses territórios se desdobra em regras de convivência fortemente marcadas. Entre os surfistas existe um termo que expressa bem essas demarcações: o "localismo". Em trechos predominantemente frequentados por surfistas mais experientes a presença de iniciantes pode não ser bem aceita, podem mesmo ser alvo de pequenas hostilidades. Esse tipo de conduta é mais comum e mais violento em praias fora do Brasil com grande concentração de surfistas, como as do Havaí, por exemplo. Assim mesmo, se manifesta, em uma intensidade bem menor. Provavelmente, estas disputas são motivadas muito mais pelo desejo de atribuição de valores e significados aos próprios espaços físicos do que pelo desejo de monopólio. Uma espécie de agravamento da fragmentação das identidades contemporâneas.

Cada uma delas devidamente sinalizadas por bandeiras indicativas.

Na medida em que sabemos que os hábitos e costumes de lazer são condicionados e construídos historicamente, a partir da aceitação, da recusa ou da modificação de certos modelos de conduta, torna-se evidente que esses conflitos podem impor novos hábitos; podem envolver a formação de novos costumes. Como afirma Lepetit (2001), "a distribuição e a organização dos espaços de produção, de troca e de lazer provêm quase todos do passado" (p. 179). Nas praias cariocas, por exemplo, a escolha e a preferência por certos lugares na areia são hábitos bem antigos. Eles nos remontam a meados de 1918, quando data a construção dos primeiros postos de salvamento na praia de Copacabana, onde, desde então, os freqüentadores passaram a ter estes postos como referência (GASPAR, 2004). Um hábito que ainda se observa até os dias de hoje. Como (e se) esses conflitos vão alterar esses costumes, ainda é muito cedo pra dizer. Por ora, é importante apenas estar atento a eles destacando o fenômeno tipicamente urbano que instaura uma confusão entre o público e o privado. Uma consequência direta das configurações específicas da cidade contemporânea, posta em jogo em um determinado momento histórico: a progressiva substituição do valor de uso pelo valor de troca, bem ao gosto de Lefevre.

Em outras palavras, um arranjo urbano onde se destaca a utilização comercial e mercadológica dos espaços da cidade em detrimento de outras formas de utilização. Concretamente, o mercantil, o financeiro, a busca do lucro, ocupam lugar de destaque nas formas de utilização dos espaços da cidade. Neste caso, é o mercado que defini e redefini o público e o privado como espaço de segregação, seleção e reestratificação social. Segundo Lessa (2004), esses elementos são mesmos essenciais para caracterização da malha urbana, que têm implicações diretas sobre suas dinâmicas. "O comércio, de forma peculiar organiza o espaço urbano" (p. 12). Assim, a cidade torna-se um objeto de consumo cultural. Lugar de consumo e consumo do lugar.

O Rio de Janeiro parece querer caminhar rumo a pós-modernidade. Um estado de coisas que exalta o "presenteísmo", o culto hedonista e o prazer no consumo. E caminha nessa direção através da peculiar tipologia da Barra da Tijuca e das inúmeras práticas que se associam a ela. Como exemplo de uma dessas práticas, citemos o monopólio do bairro sobre alguns esportes na natureza realizados na cidade, como é o caso do 'kite surfe' e do 'wind surfe'. Essas modalidades só podem ser praticadas na Barra da Tijuca. É o único lugar da cidade em que elas podem ser encontradas. Além disso, o bairro é o que concentra o maior número de 'escolinhas de surfe' da cidade. Todos esses esportes, como bem sabemos, vêm sendo associados ao quadro social da pós-modernidade (BÉTRAN, 2003). Assim, a cultura esportiva da Barra da Tijuca dá coesão ao projeto urbanístico e arquitetônico pós-moderno da "novíssima Zona Sul da cidade".

A Barra da Tijuca, compreendida como um bairro ícone dos novos arranjos espaciais do público-privado, dos condomínios fechados, das "ilhas urbanas", dos outdoors luminosos, dos templos de consumo (leia-se shopping centers), do refúgio seguro dos horrores e da violência metropolitana, parece tentar desintegrar a tradicional desinibição carioca do convívio, do encontro, da interação e da sociabilidade pública.

A apologia cega e dogmática ao individualismo consumista, expresso, por exemplo, na privatização de certos trechos da praia com fins a prática esportiva, onde só os que podem pagar tem o direito de usufruir tal ou qual prática, em tal ou qual espaço, parece mesmo querer desarticular a farta e histórica utilização dos espaços públicos da cidade. "O fato é que a atmosfera pós-moderna impulsiona novas atitudes e valores comportamentais na vida da cidade, assim como todo um conjunto de novas práticas sociais, ao mesmo tempo em que impulsiona mudanças e transformações na própria espacialidade urbana" (DIAS; ALVES JUNIOR, 2005b. p. 7).

Certamente os esportes na natureza são um importante componente deste movimento, pois, na medida em que eles promovem uma expansão dos espaços esportivos na cidade, a incidência deste processo sobre a prática de esportes é notavelmente significativa. Assim, o Rio de Janeiro, parece seguir sendo palco de importantes acontecimentos esportivos que, por sua vez, influenciam profundamente os costumes e a maneira de viver na cidade e que por isso mesmo, ainda merecem um esforço acadêmico mais regular e sistemático.

REFERÊNCIAS

ALVES JUNIOR, Edmundo de D.; DIAS, Cleber A. G. Surfe e esportes na montanha: sua prática na cidade do Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 6., 2005, Belo Horizonte. Lazer e mercado. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 129-137.

BETRÁN, Javier Oliveira, *Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza*. IN: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Heloisa. Turismo, Lazer e natureza, São Paulo: Manole, 2003. p. 157 – 202.

BRANDÃO, Túlio. Em praia de kite surfe, os banhistas perdem a vez na água e na areia. *O globo*. Rio de Janeiro. 22 de dezembro de 2002.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre história*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRUNO, Cássio. Na selva, mas sem sustos. *Jornal O Globo*. Caderno Boa Viagem, Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 2006.

- CALIL, Guilherme. Surf Bus vira atração turística. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro. 01 de fevereiro de 2006.
- CORBIN, Alain. *Território do vazio: a praia e o imaginário social*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- CORRÊA, Roberto L. A geografia cultural e o urbano. In CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DAFLON, Flávio e QUEIROZ, Delson de. *Urca: guia de escalada*. 3. ed. Rio de Janeiro: Montcamp, 2002.
- DIAS, Cleber Augusto G. e ALVES JUNIOR, Edmundo de D. O Vôo livre no Rio de Janeiro: uma visão panorâmica. In: CONGRESSO DE ENGENHARIA DO ENTRETENIMENTO, 1. 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* (CD-ROM) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005a.
- . Novas urbanidades na cidade do Rio de Janeiro: o ecologismo, a praia e o surfe. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 17. 2005, Campo Grande - MS. *Anais...* (CD-ROM). Campo Grande: Universidade católica Dom Bosco, 2005b.
- DORNELAS, Henrique Lopes. *Entre o mar e a montanha: o papel das cidades na implementação do gerenciamento costeiro*. In: COUTINHO, Ronaldo e ROCCO, Rogério (Org.). *O direito ambiental das cidades*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FILGUEIRAS, Mariana. Linha dura até na praia. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 28 de junho de 2005.
- FUKS, Mario. *Conflitos ambientais no Rio de Janeiro: ação e debates nas arenas públicas*. Rio de Janeiro: editoria da UFRJ, 2001.
- GASPAR, Claudia Braga. *Orla Carioca: história e cultura*. Rio de Janeiro: Metalivros, 2004.
- LAJE, Amarilis. País cria regra para esportes radicais. *Folha de São Paulo*. Caderno Cotidiano, São Paulo, 28 de agosto de 2005.

- LEFEVRE, Henri. *O direito à cidade*. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp, 2001.
- LESSA, Carlos. *Trajelórias da cidade moderna*. In: VIEIRA, Fernando; ROEDEL, Hiran (Org.). Rio de Janeiro: panorama sociocultural. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2004.
- MACFARLANE, Robert. *Montanhas da mente: história de um fascínio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- MASCARENHAS, Gilmar. *A leviana territorialidade dos esportes de aventura*. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa. (Org.) Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole, 2003.
- MELO, Victor. *Cidade sportiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MELO, Victor; PERES, Fábio. Espaço, lazer e política: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro. In: FREITAS, Ricardo; NACIF, Rafael. (org). *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.
- O GLOBO. Rio de Janeiro. 3 de fevereiro de 2005. Boa viagem.
- _____. Rio de Janeiro, 8 de agosto de 2002. Zona Sul.
- PÁDUA, José Augusto. O Jardim dentro da máquina: breve história ambiental da floresta da Tijuca. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 8, 1991.
- POCIELLO Christian. *Sports et sciences sociales*. Paris: Vigot, 1999.
- SAUER, Carl. O. *Geografia cultural*. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SANTOS, Mariana de Almeida. Nas ondas da comodidade. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 03 de janeiro de 2006.
- SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- SOUZA, Rico de. *Boas ondas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- WAGNER, Philip e MIKESSELL, Marvin. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ABSTRACT: The objective of this study is to think about the recent phenomenon of the sports in the nature and its interface with the urban problem. In the first part we try to articulate the idea of nature and city. Naturally, this implied an antagonistic idea of these concepts. In the second part, we describe the outcomes of this study. That is, the description of the more significant spaces used for the sports in the nature in Rio de Janeiro. Finally we present an interpretation of the ways in which the spaces were organized and used which are related to the problems of the city.

KEYWORDS: Sports in the Nature. Leisure. City.

Endereço dos autores

Cleber Augusto Gonçalves Dias
Rua Otávio de Souza, lote 12, casa 1
Campo Grande - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 23087 - 030.

Recebido em: 07/04/2006

Aceito em: 28/05/2006

Edmundo de Drummond Alves Junior
Rua Assunção 162 ap 203,
Botafogo - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22251-030